



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14494 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

NOTAS COTIDIANAS... (COM)POSIÇÕES DE VIDAS

Danielle Piontkovsky - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Leticia Regina Silva Souza - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

### NOTAS COTIDIANAS... (COM)POSIÇÕES DE VIDAS

**Resumo:** O presente trabalho trata-se de um recorte da pesquisa-escrita-tese que traz uma abordagem sobre as políticas de currículo e de formação docente, em meio aos movimentos produzidos com as experiências que acontecem nos cotidianos escolares e rompem com o instituído. Uma aposta política de pesquisas com os cotidianos, no acontecimento, na cartografia e nas redes de conversações, dados de uma pesquisa produzidos durante um curso de formação na rede pública municipal de ensino. Dialoga com intercessões teórico-metodológicas cotidianistas de Alves, Certeau, Ferraço, Sussekind, dentre outros teóricos pós-estruturalistas da filosofia da diferença, como Deleuze e Guattari, que compõem a pesquisa-escrita-tese. Apresenta a defesa dos múltiplos processos educacionais para ‘fazer com’ as ações cotidianas que compõem a escola-vida, tornando as teorias-práticas cotidianas mais potentes e criadoras para uma vida bonita.

**Palavras-chave:** Cotidianos. Currículos. Docências. M(i)-(a)ropolíticas.

#### 1. Com as m(i)-(a) cropolíticas

Em meio aos atuais modelos e métodos hegemônicos de conceber a educação, vivenciamos, a todo momento, uma sociedade arraigada pelas forças tecnocrática e competitiva que as políticas públicas oficiais tentam nos impor em meio às macropolíticas, especialmente no que diz respeito à formação docente, aos currículos e aos próprios processos de aprendizagens. É

expressa, a tentativa de invisibilizar o que de mais potente acontece nos cotidianos escolares: a força e a potência criadora de pensar a vida e seus múltiplos modos de existência.

Por uma outra óptica, sabemos que, em meio a essas imposições, temos os modos de produzir docências, currículos, aprendizagens e sentidos que são experimentados no chão das escolas. E que são produzidos por forças de diferentes intensidades das inventivas micropolíticas que acontecem e compõem o *fazer com dos sujeitos praticantes* (CERTEAU, 2011), escapando, assim, das linhas molares, numa busca de produzir sentidos nos processos educacionais.

Ao defendermos os múltiplos processos educacionais para ‘fazer com’ as ações cotidianas proliferadas nas escolas, faz-se necessário abandonar as metanarrativas modernas e visibilizar as composições cartográficas com os sujeitos praticantes, que em suas táticas e estratégias *certeunianas* desconstroem as verdades universais da razão, escapando [...] *das perspectivas explicativas totais que se alçam na tarefa de definir o que é certo ou errado, esperado ou inovador, prescrito e inexistente* (SÜSSEKIND, 2019, p. 101). Ideias da ciência moderna que, de certa maneira, estamos nos contrapondo, uma vez que estas foram reforçadas nos últimos seis anos pelas ações educacionais das políticas governamentais consideradas como “a salvação” da educação pública. E, claramente, nota-se a herança desse movimento que estamos a gerenciar no chão das escolas públicas vividas nos cotidianos escolares que habitamos.

Assim, apresentamos como aporte teórico-metodológico a *pesquisa com os cotidianos*, utilizando como estratégias metodológicas: as conversas, os encontros e as cartografias, bem como interlocuções com intercessores pós-estruturalistas, tendo como linhas de pensamento uma filosofia da diferença. Nessa perspectiva, os dados foram produzidos em meio aos encontros formativos síncronos com professores, devido ao período pandêmico nos anos letivos de 2020 e 2021, maneira que encontramos como possível para a produção de dados desta pesquisa-escrita-tese.

## **2. Com as vidas cotidianas...**

No segundo semestre do ano letivo de 2020, tentamos estabelecer um canal de comunicação com os docentes da escola, a fim de criarmos um grupo de encontros síncronos e compartilhar as docências, suas angústias, suas descobertas. Porém, nas vozes docentes, nitidamente sentíamos as forças do não-entusiasmo e nem desejo; havia falta de vontade para assumir mais um compromisso – uma nova proposta de formação docente, mesmo sendo por meio de encontro remoto em suas agendas das vidas cotidianas.

Poxa vida, sabe como gosto das formações, mas, neste momento, estou sem condições, pois estou apropriando minhas práticas às questões tecnológicas. (PROFESSOR@-CURSISTA, 2020).

Podemos pensar para 2021? Gostei muito da temática apresentada por ti no início do ano, porém não sou tecnológica e preciso de muito tempo para andar em dia com as atividades que tenho que postar para as turmas, daí acho muito difícil iniciarmos no

*Nas pesquisas com os cotidianos, aprendemos que é preciso ‘pedir licença’ para entrar na escola* (FERRAÇO, 2003), pois mesmo com as ‘escolas fechadas’, com espaços físicos vazios e sem as “vidas” presentes, tornava-se preciso pedir licença para adentrarmos nesses espaços-tempos. Em meio às adaptações das atividades referentes a novas estratégias tecnológicas, optamos por esperar esse tempo solicitado pelos docentes, a fim de que fosse possível ‘respirar um pouco’ para finalizar o ano letivo de 2020.

Chegamos ao ano letivo de 2021 e, quando tudo parecia retornar ao normal, vivemos uma nova onda da pandemia. A Secretaria Municipal de Educação juntamente com o Setor de Tecnologia Educacional, nesse mesmo ano, iniciou um planejamento para realizar as formações continuadas remotamente. Foi o momento em que resolvemos apresentar a proposta de pesquisa no contexto das formações docentes aos professores da rede municipal para quem desejasse participar. Abertas as inscrições tivemos uma adesão inicial para a primeira turma, 115 professores cursistas inscritos. Desse modo, o curso de formação – ‘Docências: redes de conversações’, ou melhor, a pesquisa-escrita-tese expandiu seus espaços de discussões, o que antes estava previsto para somente uma escola, ampliou-se para uma multiplicidade de outros possíveis de uma rede municipal de educação pública.

Considerando que uma das estratégias metodológicas da pesquisa-escrita-tese contemplava as redes de conversações, isso nos possibilitou ampliar as possibilidades de dialogar, pois, com Carvalho (2009) consideramos que as redes de conversações são importantes metodologias cotidianas para compor uma pesquisa, sendo entrelaçadas com vetores dos agenciamentos que acontecem na imanência das vidas-currículos-docências.

Nos primeiros encontros, conversamos sobre a questão da educação escolarizada e pública, sintetizamos as ideias de uma época, bem como sobre os ideais da modernidade e do Iluminismo. Debates, também, acerca das questões advindas de pensamentos pós-modernistas e pós-estruturalistas da educação, os quais nos inquietavam a pensar fora dos cânones epistemológicos educacionais e formativos. Além disso, tecemos conversas sobre as vidas, os currículos, as docências e os sentidos que são produzidos pelos nossos corpos. Ademais, uma das atividades propostas, teve como comando a seleção de um trecho musical, acerca das discussões teóricas ocorridas e os processos formativos vivenciados em seu percurso acadêmico. Muitos foram os compartilhamentos, alguns serão apresentados neste trabalho.

Durante minha formação na faculdade, adquiri saberes científicos e pedagógicos que me trouxeram conhecimentos científicos. Mas sempre me perguntava: e o conteúdo de como ensinar, não vou aprender? Esse eu só fui aprender, quando fui para sala de aula, o saber da experiência. Então, a minha DOCÊNCIA é a partir de ensinar como processo de situar-se no mundo. É tornar o aluno participante do processo civilizatório (PROFESSOR@-CURSISTA, 2021).

Recorremos a professor@-cursista, ao afirmar: *minha docência é ensinar como processo,*

ênfatizando que seus processos apostam em aprendizagens pautadas e aplicáveis na vida que estamos a viver, ou seja um [...] *processo de situar-se no mundo*. Uma pista potente que visibiliza as micro-ações curriculares que acontecem nos cotidianos escolares e que são capazes de produzir sentidos e aprendizagens para uma vida, diante dos escapes experimentados num plano de imanência que rizomaticamente acontece, independente das macro-ações que são pautadas pelas políticas curriculares oficiais. Embora importe a coexistência de ambas políticas, macro e micro, entendemos essa ação como as m(i)-(a)cropolíticas de uma rede cotidiana que tecem a todo o tempo o aprender para e na vida.

Assim seguimos nos percursos metodológicos da pesquisa-escrita-tese, pois visibilizamos os possíveis sentidos das produções de dados experimentados na formação docente e que são, por muitas vezes, reverberados nas práticas cotidianas da educação pública municipal. Tornou-se perceptível como os professores-cursistas almejavam formações que escapassem da linearidade de processos formativos formatados, com fortes traços demarcados pela lógica sufocante dos aparatos de controle estabelecidos pelos órgãos oficiais que precisam ser cumpridos por todo o sistema.

Nesse processo formativo, os professores da rede municipal foram protagonistas da sua própria formação, uma vez que estes precisam ser ouvidos e ter suas falas/conhecimentos considerados válidos nas construções das propostas de ações formativas posteriores, pois esta é a defesa da pesquisa-escrita-tese: uma aposta política de pensar uma educação em seus múltiplos espaços-tempos cotidianos. Ademais, essas são maneiras de não distanciarmos teoria e prática, já que, por vezes, ainda vivemos processos que insistem em um possível rompimento dessa “complexidade”, em uma ideia de Morin (2007), ou seja, por aquilo que é tecido junto, em múltiplos entrecruzamentos e entrelaçamentos que não se separam. *As conversações, nesse sentido, remetem a novos questionamentos das situações vividas e, dentro das situações, potencializam, pela criação e experimentação, a possibilidade do singular* (CARVALHO, 2006, p. 292).

O recorte da atividade da professora expressa essas linhas de aprendizagens que, inspiradas no estilo de existir-viver-pensar deleuziano, nos coloca nesse mundo de aprender por meio de movimentos, dos processos curriculares, formativos e cotidianos dos diferentes espaços-tempos, nas produções de práticas das docências e nas vidas, nas redes de saberes-fazeres que estão tecendo novos possíveis de contrapor ao sistema instituído e cartesiano, apresentados em materiais didáticos e modos de fazer a educação escolar. Nesses movimentos, portanto, tornou-se claro no cartografar a pesquisa-escrita-tese as produções de aprendizagens, sentidos e conhecimentos para uma vida bonita, advindas das práticas inventivas curriculares e das docências tecidas nos cotidianos escolares do chão da vida. Desse modo,

A escola, há muito, já não é o único centro do conhecimento. Saber lidar com essa avalanche de conhecimentos é um desafio para o aluno, não só na escola, mas na sua vida cotidiana. Não dá pra ‘virar as costas’ para essa situação e ensinar apenas o que o livro didático (ou qualquer outro material) nos instrui. A Educação é e sempre foi para a vida (PROFESSOR@-CURSISTA, 2021).

Apontamentos importantes a partir de um olhar daqueles que defendem os processos de aprendizagens em outros espaços-tempos. Talvez, ressonâncias de processos formativos anteriores (anos de 2009-2012), realizados na rede municipal de ensino, que primavam por uma lógica de pensar-fazer formações docentes a partir das teorias-práticas das próprias docências.

Dessa maneira, uma concepção de pensamento deleuziano desloca-se da concepção clássica ‘de aprender’ para processos infinitos de recomeços, ideia de multiplicidades, diferenças, vidas. “[...] *Aprender vem a ser tão-somente o intermediário entre o não-saber e saber, a passagem viva de um ao outro. [...] é uma tarefa infinita, é afirmar que aprender nunca se encerrará na aquisição de um saber, mas que consiste em um processo [...] recomeçado*” (DELEUZE, 2020, p. 223). Teoricamente, a sua defesa de aprender perpassa pelas vidas, pelos acontecimentos, pelos cotidianos e pelos movimentos que em seus fluxos e intensidades criam novas notas cotidianas, em pensar suas composições pelos múltiplos processos de aprendizagens.

### **3. Notas cotidianas ... em processos**

Sendo assim, forçosamente, torna-se perceptível o que defendemos nas apostas políticas das *pesquisas com os cotidianos*, isto é, não há um dentro e fora da escola (ALVES, 2010).

Desse modo, os cotidianos estão acontecendo, a todo momento, em todos os lugares e, além disso, os espaços-tempos cotidianos proliferam acontecimentos, sentidos e vidas dos sujeitos que são “*individuaiscoletivosindividuais*”, os quais provocam aproximações aos acontecimentos cotidianos, efervescem as vidas e acontecem no *chão das escolas* (FERRAÇO, 2008).

Apostamos em outros movimentos cotidianos de políticas de currículo, de formação, das docências, das aprendizagens e das vidas que são suscetíveis aos movimentos contínuos das m(i)-(a)ropolíticas que tecem, em meio às suas errâncias, redes que engendram, a todo momento, o transbordar da vida que não para de existir, experimentar e esperar.

Portanto, precisamos pensar de forma não dicotômica sobre as questões que se entrelaçam nos interstícios das m(i)-(a)ropolíticas, com o intuito de que os processos curriculares e formativos se constituam como redes de sentidos em seus múltiplos modos de existir.

## **REFERÊNCIAS**

ALVES, Nilda. Redes Educativas 'dentrofora' das Escolas, exemplificadas pela Formação de Professores. In: **ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO**, 2010, Belo Horizonte. Coleção Didática e Prática de Ensino: convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: currículo; ensino de Educação Física; ensino de

- Geografia; ensino de História; Escola, Família e Comunidade. BH: Autêntica, 2010. P. 49-66.
- CARVALHO, Janete Magalhaes. Redes de Conversações como um modo singular de realização da formação contínua de professores no cotidiano escolar. **Revista de Humanas**, v. 6, n. 2, p. 281-293, jul./dez. 2006.
- CARVALHO, Janete Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis: DP *et Alii*; Brasília, DF: CNPq, 2009.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. 2 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, Regina Leite (org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 157-175.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. Ensaio de uma metodologia efêmera: ou sobre as várias maneiras de se sentir e inventar o cotidiano escolar. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. (orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- SÜSSEKIND, Maria Luiza. Quem conversa, conversa com... In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SÜSSEKIND, Maria Luiza. (Orgs.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas**. Curitiba: Editora CRV, 2019.